

# Danos antrópicos dos sítios arqueológicos dos Cariris Velhos da Paraíba

*Oriana Trindade de Almeida*<sup>1</sup>

*Sergio Rivero*<sup>2</sup>

*Claudia Oliveira*<sup>3</sup>



## RESUMO

Conservação de sítios arqueológicos tem sido um enorme desafio no Brasil e no mundo. O presente trabalho teve como objetivo revistar 49 sítios arqueológicos registrados por Ruth Almeida, em 1972, e avaliar sua conservação, em termos de danos antrópicos. Dos sítios visitados, foram encontrados 45, sendo que dois parecem terem sido destruídos, enquanto dois simplesmente não puderam ser encontrados, por se localizarem em vasta área. Dos sítios visitados, 23% apresentaram vandalismo com pichação ou gravação de nomes, de letras, de números – datas – ou desenhos. Destes sítios, cinco apresentam pinturas (Pedra do Touro, Sítio Zé Velho, Sítio Castanho, Sítio Laranjeiras, Sítio Pedra do Altar) e cinco, gravuras na pedra (Lajedo do Eliseu, Sítio Poção, Sítio Pedra Comprida, Sítio Olho d'Água do Padre, Sítio Cachoeira). Pode-se observar que os sítios localizados na cidade de Queimadas, próxima a Campina Grande, foram os mais vandalizados, apresentando-se praticamente cobertos por tintas e por pichações. Muitos destes danos são permanentes, amplos e contínuos. Observa-se que, lentamente, os sítios vão sofrendo avarias e medidas urgentes são necessárias para a sua conservação.

**Palavras-chave:** Arqueologia. Conservação. Danos antrópicos. Brasil.

---

1 Doutora em Ciências Socioambientais. Professora/Pesquisadora NAEA/UFPA. E-mail: orianaalmeida@gmail.com.

2 Doutor em Economia. Professor. E-mail: sergiolmrivero@gmail.com .

3 Docente do Programa de Pós-Graduação em Arqueologia da UFPE. E-mail: oliva2006@gmail.com.

## **ABSTRACT**

Conservation of archaeological sites has been a huge challenge in Brazil and in the world. The present work aimed to survey 49 archaeological sites registered by Ruth Almeida in 1972 and to evaluate the conservation status, in terms of anthropic damages. Forty-five of the sites visited were found, two of which have been destroyed, while two simply could not be found because they were located in a vast area. Of the sites visited, 23% showed vandalism with graffiti or engraving of names, letters or numbers – dates – or drawings. Of these, five are sites with paintings (Pedra do Touro, Sítio Zé Velho, Sítio Castanho, Sítio Laranjeiras, Sítio Pedra do Altar) and five have engravings in stone (Lajedo do Eliseu, Sítio Poço, Sítio Pedra Comprida, Sítio Olho d'Água do Padre, Sítio Cachoeira). It can be seen that the sites located in the city of Queimadas, near Campina Grande, were the most vandalized, being practically covered by paint and graffiti. It can be seen that sites are slowly being damaged and that urgent measures are needed for their conservation.

**Keywords:** Archeology. Conservation. Anthropic damages. Brazil.

## INTRODUÇÃO

O patrimônio arqueológico nacional conhecido como arte rupestre é uma das riquezas culturais de maior complexidade a se conservar, e seus danos e sua conservação têm sido objetos de estudo no mundo todo (AVERY, 1975; WAINWRIGHT *et al.*, 1992; BOTICA *et al.*, 2003; BAKKEVIG, 2004; FERNANDES, 2009; NDLOVU, 2012; MAPUNDA, 2013; GHETTI *et al.*, 2016; NHAMO, 2018; MAZEL *et al.*, 2019). O problema de conservação dos sítios arqueológicos envolve problemas, ligados aos danos causados por eventos naturais e antrópicos (voluntários e involuntários). Por ser localizado em ambientes, na sua maior parte, abertos e sem controle de acesso, garantir a conservação deste patrimônio, em relação aos danos antrópicos, torna-se uma enorme dificuldade.

O sítio de Domboshava, por exemplo, um dos mais importantes sítios arqueológicos de Zimbábue, a menos de uma hora de Hara, foi extensivamente vandalizado entre 1988 e 2016, recebendo enorme quantidade de pichações (TARUVINGA *et al.*, 2003; MUNGUZVA, 2016)<sup>4</sup>. No Brasil, Pessis *et al.* (2018), avaliando os sítios arqueológicos de Pernambuco, propuseram-se a fazer um primeiro levantamento dos sítios do estado numa escala regional, mostrando o vasto impacto dos danos naturais causados pelo intemperismo físico-químico, pelas ações de microrganismos e de animais e pelas depredações antrópicas aos grafismos rupestres e a seus suportes nos 353 sítios visitados. Os danos de origem antrópica envolveram 49% dos sítios visitados na área de estudo.

O vandalismo por pichação é um dos estragos mais severos que estes sítios sofrem, porque tais danos são imensos, rápidos e de difícil reparação. A pichação de um sítio também exerce um efeito sinérgico sobre outros pichadores, criando um incentivo a novas pichações. Esse tipo de vandalismo não é restrito a países em desenvolvimento ou a continentes específicos: notícias de jornal mostram mais de 150 registros em língua inglesa sobre vandalismo de sítios arqueológicos, principalmente, mas não restrito, nos EUA<sup>5</sup>.

Enquanto os sítios arqueológicos de Pernambuco têm tido estudos intensivos, em quantidade e em qualidade, os processos de pesquisa têm se dado de forma mais lenta na Paraíba. Em 1972, numa primeira pesquisa de grande escala no estado, Almeida (1979) registrou 49 sítios nas regiões do Agreste e do Cariri, e o presente trabalho se propõe a analisar os processos de degradação antrópica dos sítios rupestres da serra dos Cariris Velhos, através de pichações ou gravações nas pedras.

## MÉTODOS

Como mencionado, em 1972, Almeida (1979) visitou e registrou 49 sítios na região que denominou Cariris Velhos. Essas visitas foram feitas, em geral, em viagens de um dia de duração, a partir de Campina Grande, com carro cedido pela Universidade e com dois motoristas, que se alternavam nas viagens de campo. Na maioria destas viagens, os grafismos foram copiados e foram feitas descrições dos suportes, das regiões de entorno e de detalhes de localização dos espaços. Poucas fotos foram feitas, dada a ausência de equipamentos à época. Alguns destes sítios foram revisitados 20 anos depois e descritos com maiores detalhes por outros pesquisadores (BRITO *et al.*, 2006; AZEVEDO NETTO *et al.*, 2010).

4 Também vandalizado em 1998.

5 Deve ser considerado que a maioria dos sites foi acessado em inglês e que os EUA têm muito mais acesso a sites e a jornais alternativos dedicados a informar este tipo de dano, ou seja, não significa que outros países sofrem menos danos nos seus sítios arqueológicos.

O presente trabalho teve o objetivo de analisar os danos de ações antrópicas nos 49 sítios visitados por Almeida (1979) em 15 municípios<sup>6</sup>, em 1972. Frise-se que o estudo de Almeida (1979) é o primeiro e o mais antigo trabalho sistemático de levantamento de arte rupestre na Paraíba. Na composição da presente pesquisa, as viagens foram iniciadas em dezembro de 2017 e concluídas em janeiro de 2020, somando um total de 14 incursões a campo, com durações que variaram entre quatro e sete dias<sup>7</sup>. Dos 49 sítios da pesquisa original, quatro não foram achados e um foi parcialmente encontrado, com a localização de duas das pedras mais importantes das quatro originalmente observadas no Sítio Conceição, situado no município de Serra Branca. Para encontrar os sítios, buscaram-se informações na *web*, nas prefeituras e nos contatos com moradores dos municípios locais, via *sites* de redes sociais, entretanto a maior parte dos sítios foi encontrada, através de visitas às localidades e de conversas com pessoas-chave.

Algumas destas pessoas foram pré-indicadas em algumas das cidades, mas, na maioria dos casos, foram contatadas, a partir das prefeituras das cidades, pois vários prefeitos e/ou servidores das prefeituras ajudaram na localização dos sítios. Para a identificação dos lugares, foram utilizados os nomes dos municípios, dos espaços, dos proprietários, dos acidentes geográficos, bem como informações de distância das sedes municipais descritas por Almeida (1979). Em cada local, foi lida a descrição dos grafismos e dos suportes, para a confirmação dos sítios. Alguns sítios, mesmo com todas as informações disponíveis, foram bastante difíceis de encontrar, porque as pessoas da localidade ou das famílias herdeiras dos proprietários originários não sabiam mais onde os sítios rupestres se localizavam.

Os sítios foram visitados e analisados, em relação a danos antrópicos que envolvessem vandalismos por pichação com tinta ou por gravura. Os estragos dos grafismos foram descritos e fotografados, em função das suas intensidades, das suas proximidades e/ou das suas sobreposições e graus de sobreposição. Para o levantamento dos danos nos sítios, foi utilizada uma ficha técnica, que considerou o tipo de pichação, o tipo de tinta, o tipo de ação, a localização, o grau de sobreposição, o suporte, entre outros aspectos, e os registros incluíram as descrições dos locais e dos sítios e dos suportes rochosos, além do mapeamento dos vandalismos antrópicos e do levantamento de dados sobre as distâncias das sedes municipais, sobre as localizações, sobre os nomes dos sítios e sobre os donos dos ambientes.

## RESULTADOS

Os sítios visitados em 1972 eram distribuídos em 15 municípios, localizados, em sua maior parte, na região dos cariris paraibanos, chamada, pela autora, de Cariris Velhos (SOUZA *et al.*, 2009). Alguns destes municípios foram desmembrados nos últimos 50 anos, tornando-se 34 municípios, localizados atualmente em cinco microrregiões: Cariri Oriental; Cariri Ocidental; Umbuzeiro; Curimatau Ocidental; e Campina Grande.

### Sítios não encontrados

A maior parte dos sítios foi localizada, entretanto quatro sítios (Lajedo de Jatobá, Pé de

6 Atualmente, correspondem a 22 municípios.

7 Não inclui o tempo dos deslocamentos de avião.

Serra, Caifaz e Cinco Cruzes) e duas das quatro pedras de um dos sítios (pedras II e IV do Sítio Conceição) não foram encontrados.

O Sítio Lajedo do Jatobá descrito por Almeida (1979) se localiza na Serra do Jatobá, que dá nome à cidade de Serra Branca. Foram organizadas quatro buscas a este sítio, mas nem os residentes locais o conheciam. Diferentemente dos demais sítios da região e do estado, esse espaço se distinguia por apresentar um peixe de mais de dois metros gravado em um lajedo, que foi copiado e fotografado por Almeida (1979) à época. Os entrevistados locais não conhecem a gravura, mas acreditam que ela pode ter sido coberta pela vegetação, e um depoimento informa que, no passado, era possível ver pequenas capsulares, as quais já não são mais visíveis, atualmente.

A serra do Sítio Pé de Serra foi encontrada, mas, não, seu sítio rupestre, pois fica numa região, em que outrora havia o Sítio Saco, de grande extensão, que foi desmembrado em inúmeras propriedades, o que gera ainda mais dificuldades de localização, devido a várias duplicações de nomes de lugares na região. O próprio Sítio Pé de Serra ficava dentro do Sítio Saco e teve seu local identificado e reconhecido, a partir de uma fotografia de Almeida (1979), que registrou o segmento de serra, em que o matacão está localizado. Com o auxílio de um guia local, foi trilhado um longo e complexo caminho de enormes matacões sobrepostos, chamado localmente de cachoeira de pedra, até as pinturas rupestres, mas estas eram distintas das do sítio originalmente descrito pela autora. Entretanto, o local arqueológico encontrado apresenta grafismos com tinta vermelha e foi recentemente vandalizado com pichações. A foto escolhida para ilustrar a pichação contém os grafismos, mas estes só podem ser vistos em imagens mais detalhadas.

O Sítio Caifaz, situado no município de Gurjão, também não foi encontrado, após quatro buscas. Uma entrevistada em Gurjão informou que uma pedreira invadiu o lugar na busca de material para a indústria da construção civil, e uma servidora municipal retornou duas vezes, buscando este sítio, mas acabou achando alguns suportes rochosos com possíveis gravuras, os quais não se encaixam na descrição de Almeida (1979) para o sítio original. É possível que tal matacão tenha sido destruído.

Sobre o Sítio Cinco Cruzes, entrevistados locais não o conhecem e sua descrição é sucinta, fornecendo poucos detalhes geográficos para uma possível localização. Nessa região, que envolve a Serra do Bodopitá, Brito *et al.* (2006) fizeram um levantamento detalhado dos locais arqueológicos, que envolve os sítios dos municípios de Queimada e de Fagundes, mas não descrevem o espaço em questão, originalmente locado em Queimadas (Quadro 1).

Quadro 1. Sítios registrados por Ruth Almeida em 1972 nos Cariris Velhos, que não foram encontrados

MUNICÍPIOS	SÍTIO	Estatus
Gurjão	Caifaz	Não encontrado
Queimadas	Cinco Cruzes	Não encontrado
Serra Branca	Conceição (pedras II e IV)	Não encontrado
Serra Branca	Pé de Serra	Não encontrado
Serra Branca	Lajedo de Jatobá	Não encontrado

Possivelmente, o Sítio Pé de Serra (Figura 1) não foi destruído, assim como o Sítio Jatobá; ambos são mais difíceis de serem localizados, porque fazem parte de uma região mais ampla. Além disso, muito do levantamento de Almeida (1979) foi feito, com base

em relatos de pessoas que já faleceram. O Sítio Formigueiro, por exemplo, que havia sido procurado sem sucesso por pesquisadores no município de São João do Cariri, foi finalmente encontrado por aquela pesquisadora, em 1972. Da mesma forma, a localização do Sítio Pedras Altas em Aroeiras não se deu na primeira viagem. Na ocasião, fomos informados de que empresas de extração mineral haviam comprado o direito de explorar as pedras do local e de que as rochas do sítio poderiam ter sido destruídas. Apesar de várias das pedras apresentarem sinais de terem sido quebradas com o uso de explosivos, residentes do município conseguiram localizar a área, sendo possível retornar ao local e registrar o sítio.

Figura 1 . Sítio arqueológico pichado próximo ao Sítio Pé de Serra, em Serra Branca (PB)



### Sítio parcialmente encontrado

O Sítio Conceição é composto de quatro pedras pintadas, e sua área foi vendida e desmembrada, possuindo vários donos, atualmente. Somente duas das pedras com painéis maiores, descritas no trabalho de Almeida (1979), foram encontradas (pedras I e III).

Quadro 2 . Sítios registrados por Ruth Almeida em 1972 nos Cariris Velhos, que foram encontrados e que não apresentam vandalismos

MUNICÍPIOS	SÍTIO	Tipo de Impacto
Aroeiras	Papagaio	Sem vandalismo
Aroeiras	Uruçu	Sem vandalismo
Aroeiras	Pedras Altas	Sem vandalismo
Barra São Miguel	Pedra Pintada	Sem vandalismo
Boqueirão	Santo Antão	Sem vandalismo
Boqueirão	Serraria de Caturité	Sem vandalismo
Cabeceiras	Caiçara	Sem vandalismo
Cabeceiras	Lajedo do Pai Mateus	Sem vandalismo
Campina Grande	Fazenda Aldeia	Sem vandalismo

Campina Grande	Bravo	Sem vandalismo
Congo	Caçara	Sem vandalismo
Congo	Serra da Engabelada	Sem vandalismo
Fagundes	Catuama	Sem vandalismo
Gurjão – St André	Pedra Grande	Sem vandalismo
Gurjão	Cantiga	Sem vandalismo
Lagoa Seca	Amaragi	Sem vandalismo
Olivedos	Fazenda São Braz (gravura)	Sem vandalismo
Olivedos	Fazenda São Braz	Sem vandalismo
Queimadas	Bodopitá	Sem vandalismo
Queimadas	Gravatá	Sem vandalismo
São João do Cariri	Formigueiro	Sem vandalismo
São João do Cariri	Mares	Sem vandalismo
São João do Cariri	Picoito - Muralha Meio do Mundo	Sem vandalismo
São J. Cordeiros	Algodão	Sem vandalismo
São J. Cordeiros	Almas	Sem vandalismo
Serra Branca	Sítio Areias	Sem vandalismo
Serra Branca	Capoeira (gravura)	Sem vandalismo
Serra Branca	Capoeira (pintura)	Sem vandalismo
Serra Branca	Cauaçu	Sem vandalismo
Serra Branca	Conceição (pedras I e III)	Sem vandalismo
Serra Branca	Macambira	Sem vandalismo
Serra Branca	Fazenda Saco	Sem vandalismo
Serra Branca	Lajedo Tamburil	Sem vandalismo
Sumé	Balanço	Sem vandalismo

### Sítios vandalizados por ações antrópicas – vandalização por pichação ou gravura

Dos sítios revisitados, dez apresentaram vandalismos, com pichação ou gravação de nomes ou letras ou números – datas – ou desenhos. Cinco deles apresentam pinturas (Pedra do Touro, Sítio Zé Velho, Sítio Castanho, Sítio Laranjeiras e Sítio Pedra do Altar) e cinco apresentam gravuras na pedra (Lajedo do Eliseu, Sítio Poção, Sítio Pedra Comprida, Sítio Olho d'Água do Padre e Sítio Cachoeira) (Quadro 2).

### Impactos por pichação

Dos locais visitados, os sítios Pedra do Touro e Zé Velho, de Queimadas, foram os que se apresentaram mais danificados por atos de vandalismo. O Pedra do Touro apresenta nomes próprios, frases (principalmente, religiosas), declarações de amor, datas e siglas, feitas com tinta sintética (principalmente, em preto, em cinza e em cinza-verde). É possível ver parcialmente o zoomorfo que deu o nome à pedra entre os nomes “Wilton” e “Rosilda”. Na face oposta deste matacão, apresenta-se uma enorme pichação branca. Outros matacões e parte do lajedo que dá suporte a eles (sem pintura rupestre) apresentam vários *clusters* de pichações. A base, em que a Pedra do Touro se assenta, também está intensamente pichada, assim como outros matacões próximos, também pichados com nomes, com números e com desenhos (Figura 2).

Figura 2. Pedra do Touro (acima, com pichações sobre os grafismos); epichações em matacões próximos (abaixo)



O Sítio Zé Velho apresenta pichações com tinta sintética (principalmente, com letras brancas e pretas, de vários tamanhos), assim como apresenta um traço mais fino em amarelo, além de dois grandes quadrados opacos, que se assemelham a letras (totalmente preenchidos de tinta) e que cobrem parte do painel. O zoomorfo descrito por Almeida (1979) como um couro esticado de um animal foi recoberto com tinta amarela em toda a sua extensão (Figura 3). Muitas palavras escritas com um traço mais fino em amarelo, bem como um desenho estilizado de um rosto, também em amarelo, cobrem parte das pinturas. À direita do painel rupestre, apresentam-se muitas letras e palavras em branco e em preto, assim como uma frase religiosa em rosa vivo (“Deus quer mudar a tua história”).

Ainda é possível ver parte do vermelho do zoomorfo sobreposto pelo amarelo em alguns segmentos originais, além de mãos em positivo e de alguns desenhos geométricos. Apesar de apresentar pequenas partes ainda à mostra, o painel foi fortemente danificado (Figura 3).

Figura 3 . Sítio Zé Velho, painel intensivamente danificado por pichação (à esquerda); e detalhes do zoomorfo copiado por Almeida (1979), em 1972, e sobreposto com tinta amarela ao centro



O Sítio Castanho, também no município de Queimadas, apresenta um painel sobre um grande matacão, o qual está pichado com tinta sintética azul-claro, contendo dois desenhos estilizados, representando os sexos masculino e feminino, e letras maiúsculas na mesma cor, no lado extremo esquerdo de um dos segmentos do painel, sem sobrepô-lo. Faz-se difícil saber se o objetivo foi de vandalizar os sítios, porque os desenhos são esmaecidos e é preciso saber de sua existência para perceber a pintura.

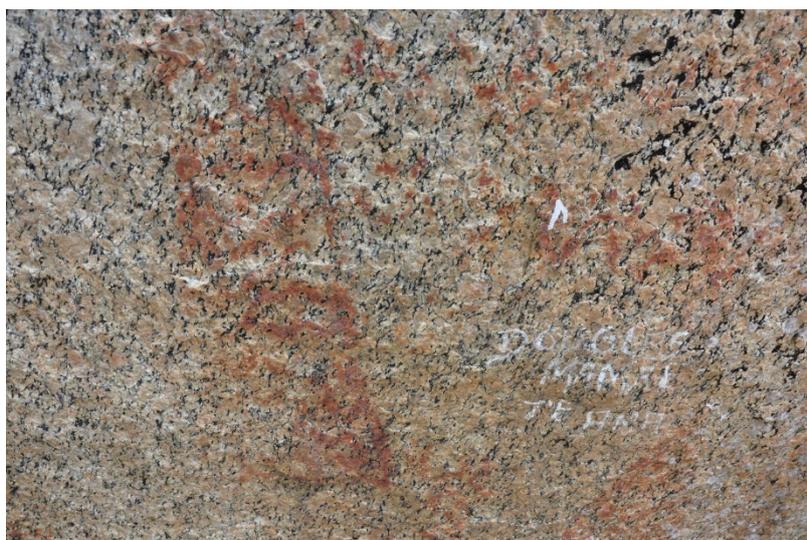
O grafismo deste matacão se constitui de figuras humanas, que parecem estar em movimento, e de outras seis figuras, à esquerda do painel principal, que foram identificadas, mas não foram copiadas por Almeida (1979). Além destes, há grafismos disformes descritos por Brito *et al.* (2006), que analisaram as figuras, usando técnicas de fotografia e de contraste mais modernas na documentação do sítio. Esses desenhos, apesar de importantíssimos e raros, porque fogem da Tradição Agreste (AGUIAR, 1986), estão esmaecidos, razão pela qual não se tem certeza se quem pichou sabia da presença das pinturas (Figura 4).

Em Fagundes, o Sítio Laranjeira apresenta dois grandes matacões sobre um lajedo. A base do primeiro matacão apresenta muitas pichações, em formas de letras e de palavras, com letras grandes (principalmente, em cor branca), além de letras em tinta preta e, em menor escala, nas cores bege claro e azul-cinza claro. No matacão do painel rupestre se apresenta uma expressão (“B+E”), que não se sobrepõe aos grafismos visíveis, e quatro palavras em letras menores sobre as pinturas (todas em tinta branca). A expressão “B+E” reaparece várias vezes na base do matacão e, numa delas, é seguida da figura de um coração, com a frase “amor de verdade”. O segundo matacão não tem pichações no painel, mas a base do lajedo que o sustenta apresenta grafismos, com letras grandes em várias cores (Figura 5).

Figura 4 . Sítio Castanho, com pichações ao lado dos grafismos (primeira seta do lado esquerdo) e com principais segmentos dos painéis rupestres nas duas outras setas



Figura 5 . Detalhe do Sítio Laranjeiras, em Fagundes (PB)

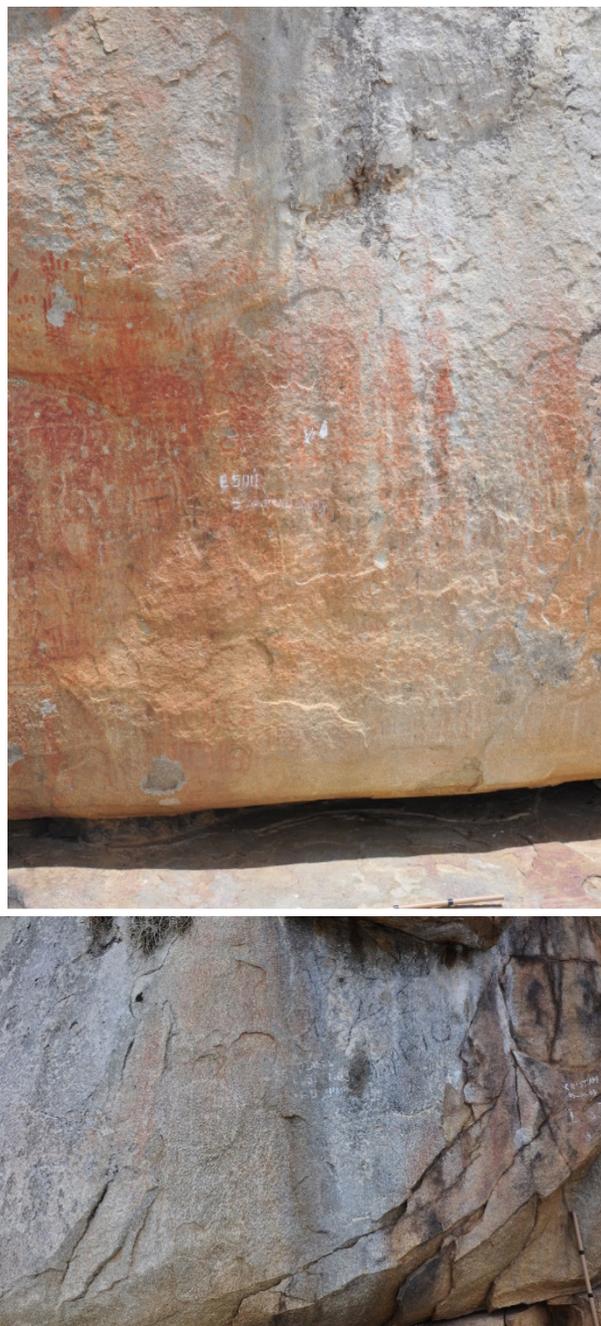


O Sítio Pedra do Altar, de Barra de Santana, contém uma enorme pedra, medindo mais de 11 metros de altura e nove metros de largura e formando um enorme bloco de pedra na forma de um paralelepípedo (um hexaedro), com cunhas naturais de pedra na base do lado direito (lado sul). A pedra está assentada sobre um lajedo na margem direita do rio Paraíba, formando uma paisagem de grande beleza cênica. Grafismos estão espalhados em várias partes do matacão, mas se concentram especialmente na face sul, em que se apresenta enorme painel, compactamente coberto com grafismos vermelhos, que mede 4 m de largura e 2,20 m de altura.

Existem outros três blocos de grafismos complementares menores, ao lado direito, sendo o último na quina do hexaedro. Nesse painel central maior, encontram-se nomes em tinta

branca no centro (pode-se ler “Esau 2003”); um pouco à direita da parte central do painel principal, há algumas letras escritas com a mesma tinta; e, logo abaixo, também aparecem algumas letras no lado extremo esquerdo superior do painel, com traços finos em preto, que estão bem esmaecidas (Figura 6).

Figura 6 . Detalhes do painel do Sítio Pedra do Altar no município de Barra de Santana. À direita, parte do painel central (face sul) e, à esquerda, seção, em que o pichamento é mais intenso (face norte)



A face norte do matacão não é lisa e está próxima a um conjunto adicional de pedras, em que se encontra um altar com dois santos pequenos. Nesse lado, há pichações com nomes em branco e datas (“Isabel, 05-07-2003”, “Puxinanã – Cristiane 05-07-03”, etc.), assim como

outros nomes, com letras maiores em preto, com traços finos e mais esmaecidos. Dada a enorme beleza desta pedra, é admirável que não tenha sofrido vandalismos mais severos. Na frente do painel principal, há um conjunto de pedras mais horizontais, que parece ter funcionado como mesa e como apoio para churrascos, apresentando resquícios de carvão e pedras escuras.

### Impactos por gravura

O Lajedo Eliseu, pequeno lajedo de granito de tonalidade avermelhada localizado no Sítio Mares, no município de São João do Cariri, também está situado numa região mais ampla, atualmente chamada de Mares, e apresenta um conjunto de gravuras rasas, que também foi vandalizado. No lajedo, gravado a partir de picoteamento muito superficial, apresentam-se o nome “Mares” e a data “20-10-96” próximos ao painel da gravura. Além disso, há uma gravura formada por cinco letras, seguida de três letras logo abaixo, que não formam propriamente uma palavra (Figura 7). As gravuras são feitas nos mesmos moldes da gravura original, mas são mais superficiais.

Figura 7 . Nomes, letras e datas gravados no Lajedo do Eliseu, no Sítio Mares, em São João do Cariri (à direita); e letras gravadas no Sítio Poção, em Serra Branca (à esquerda)



No município de Serra Branca, o sítio arqueológico da Fazenda Poção é um afloramento granítico enorme, cuja parte superior apresenta um painel muito rico em gravuras, que também sofreu vandalismo. Dada a dimensão da área e dado o fato de que as gravuras foram feitas por picoteamento na parte superior da pedra, Almeida (1979) compara a superfície do afloramento à de um lajedo. Existem duas letras, “A” e “F”, gravadas sobre este afloramento de forma ainda mais superficial do que as gravuras originais. Nenhuma destas duas gravuras se sobrepõe aos grafismos rupestres (Figura 8).

Figura 8 . Duas das pichações gravadas no Sítio Pedra Comprida, em Sumé (PB)



O Sítio Pedra Comprida é composto por dois matacões alongados e sinuosos, com cerca de sete metros de altura, os quais aparentam ter sido uma única pedra no passado, que se partiu. Esta está assentada sobre um enorme afloramento, com acesso um pouco difícil, devido à declividade da subida. O painel de pintura fica ao lado esquerdo da base do matacão e os nomes foram gravados no lado direito do matacão. Possivelmente, mostram os nomes “Felix Xavier” e “Edilson 2002” gravados com objeto duro, como uma pedra ou faca. Há outro escrito acima do nome “Felix”, possivelmente, mas seu conteúdo é indecifrável. Como ficou dito, essas gravuras se localizam no matacão vizinho ao dos grafismos rupestres.

Por fim, o Sítio Olho d’Água do Padre é formado por um conjunto de matacões pequenos e apresenta, ao seu lado esquerdo, a dois metros de distância das gravuras rupestres, duas letras “J” no mesmo estilo de gravura rasa (Figura 9). Vandalismo também pode ser visto no Sítio Cachoeira (Figura 10), em que se encontram gravados os números “1”, “9” e “6” (talvez, referindo-se ao ano de 1996).

Figura 9 . Vandalismos gravados no Sítio Olho d’Água do Padre, em Sumé (PB)



Figura 10 . Vandalismos gravados no Sítio Cachoeira, em São José dos Cordeiros (PB)



Os resultados mostram que 20% dos sítios sofreram vandalismos, sendo seis com nomes e com letras feitas com tinta e três, com gravuras na pedra, enquanto outros quatro apresentam pequenas pichações, feitas com tinta sintética. Dos vandalismos, dois são extremamente severos, cobrindo a maior parte do painel. Em relação às gravuras, estas foram feitas ao lado das gravuras rupestres, não se sobrepondo a elas. Entretanto, os atos de vandalismo são relativamente recentes, embora seja difícil precisar as datas exatas da pichação ou do início da pichação. Possivelmente, os mais intensivamente vandalizados tiveram as pichações acontecendo, ao longo de um período.

O Sítio Pedra do Touro mostra várias pichações de datas (como “6-5-1990”), ao lado do zoomorfo do “touro”, indicando que o processo de pichação possivelmente se iniciou nesta década. Em entrevista, foi informado que a pichação do painel rupestre se iniciou no mesmo ano da pichação do Sítio Zé Velho. Grande parte da base do matacão está coberto com nomes próprios, como “Rosilda”, “Cleide”, “Wilson”, “Gilvan”, “Rayan”, “Solrac”, “Jailton”, “Reinaldo”, entre outros, sobrepondo-se ao painel rupestre. No encosto de apoio do matacão, logo abaixo da pedra, pode-se ver nomes e datas, assim como se observam outros *clusters* de pichações em matações próximos, que apresentam desenhos, nomes e várias datas, como “21-5-2000”, “01-9-2001”, “25-05-2012”, entre outras. As diferentes datas confirmam que os vandalismos ocorrem há muito tempo e que foram cumulativos.

No Sítio Zé velho, Brito *et al.* (2006) informam que, em uma visita de pesquisadores, em 1998, o sítio não apresentava pichações, tendo sido verificadas vandalizações em meses posteriores do mesmo ano, aparentemente feitas por estudantes. O Sítio Pedra do Altar apresenta uma data marcada na face norte (2003) e, no Sítio Pedra Comprida (em Sumé), as datas gravadas são de 2002. Depoimentos de quem visitou este local em 2004 dão conta de que, até esta data, não havia vandalismo, mas como os nomes escritos na pedra não são muito explícitos, pois são riscos finos gravados numa parte mais irregular da pedra, estes podem ter passado despercebidos aos informantes.

A data anotada no vandalismo do Lajedo do Eliseu é de 1996 e, possivelmente, o dano foi feito no ano em questão. No caso do Sítio Cachoeira, os números foram feitos sobre o painel gravado e formam “196”, mas também podem se referir ao ano de 1996. No Sítio Olho d’Água do Padre, o neto herdeiro informa que as letras se encontram no matacão desde a sua infância, ou seja, há cerca de 40 anos, mas tal pichação não foi registrada por Almeida (1979) em seu trabalho, portanto pode ter sido feita em período posterior ao de seu levantamento.

### **Impactos com remoção de placas nos sítios**

Ainda é importante notar que, em relação a outros danos antrópicos, muitos painéis mostram sinais de remoções ou tentativas de remoções de placas. O Sítio Pedra do Altar é um exemplo de painel que mostra, em vários elementos, remoção de pequenas partes, provavelmente com o objetivo de retirar parcelas do painel. Devido à enorme beleza, ao acesso fácil ao local, à água e à corredeira, este sítio apresentou, quando da execução deste trabalho, resquícios de fogo em distância de menos de dois metros do painel, o que põe em perigo a conservação do exemplar rupestre. A Figura 11 mostra nove das principais remoções de placas do painel, possivelmente com o objetivo de levar para casa uma parte do grafismo. Observa-se que pontos 4 e 5 mostram *clusters* de remoções de pequenas parcelas da parte central do painel.

Figura 11 . Impactos das remoções de placas no Sítio Pedra do Altar, em Barra de São Miguel (PB)



Em muitos dos sítios visitados, especialmente nos matacões sonoros, há marcas que aparentam ser de pedras que foram batidas, para se ouvir o som. O Sítio Uruçu mostra uma grande parcela de pintura removida, mas as fotos de Almeida (1979) denotam que a placa foi removida antes de sua visita, em 1972. O Sítio Papagaio também se encontra bastante riscado, mas Almeida (1979) informa que suas pinturas já estavam riscadas à época.

Durante o trabalho, também foi relatado um deslocamento total em um ambiente rupestre não registrado por Almeida (1979), devido a um fogo descontrolado. Segundo relato de entrevistado, houve um deslocamento total da pintura na base inferior de um matacão localizado no Sítio Caiçara, em Cabaceiras, após entrada de fogo. Nesse ponto, é possível observar a necessidade de ações para a conservação do patrimônio arqueológico, por parte dos órgãos públicos, pois os municípios apresentam estações arqueológicas fortemente vandalizadas.

## DISCUSSÃO E CONCLUSÃO

Considerando o universo de 44 sítios encontrados, pode-se ver que 23% dos espaços estudados foram impactados por pichações ou gravuras, com pintura ou gravação de nomes, de letras e/ou de números. Nos locais visitados na Paraíba, pode-se observar que o município de Queimada apresenta os sítios mais pichados, considerando que três lugares apresentam pichações em partes pequenas do painel e cinco apresentam nomes ou letras gravadas na pedra, fora das áreas das gravuras rupestres.

O presente estudo não focou em danos causados por construções e/ou por obras de infraestruturas, mas foram erguidas capelas religiosas em dois sítios e um terceiro apresenta dois pequenos santos assentados no topo de uma pedra, aolado da rocha que contém os painéis.

É importante notar que, nos registros dos sítios por Almeida (feito em 1972 e publicado em 1979), a autora não registrava vandalismos nos sítios visitados, mas, durante os últimos 50 anos, 23% dos 44 sítios visitados apresentam algum tipo de dano antrópico, como inscrições de nomes, de letras e de números, os quais podem ter iniciado em 1998, com a pichação de dois sítios em Queimadas, ou podem ter sido vandalizados sem registros anteriores.

É preciso perceber que o vandalismo dos sítios de Queimadas se intensificou, enquanto os ambientes arqueológicos mais afastados e menos populares apresentam menos avarias. Por outro lado, pode-se perceber que, com o desenvolvimento recente do turismo nos lajedos, esses lugares começam a se tornar mais populares, como, por exemplo, o Sítio Pedra do Altar, para o qual já se organizam acampamentos de pequenos grupos de trilha e que recebe ônibus para visitas de um dia, oriundos da capital do estado da Paraíba.

Ainda que não seja uma amostra tão grande, como a de Pessis *et al.* (2018), o volume de pichação é muito maior do que o daquele estudo, que foi de 5,67% do total visitado (20 sítios pichados de 353)<sup>8</sup>. Pessis *et al.* (2018) mostram, adicionalmente, que grande quantidade de danos aos espaços foi feita por animais, como ninhos de insetos (62,03%), fixação de micro-organismos (56,94%), etc., bem como por elementos físico-químicos, que envolvem fraturas, escamações, deslocamentos, manchas d'água, entre outros, os quais foram registrados em mais de 60% dos sítios visitados. De acordo com Azevedo (2010) e com Ghetti *et al.* (2016), outros sítios também mostram danos desta natureza.

Os danos antrópicos são de várias naturezas. Num estudo detalhado sobre impacto do clima em sítios rupestres na Noruega, Walderhaug *et al.* (1998) concluíram que a maior parte dos estragos nos locais arqueológicos aconteceu há 70 anos, por ações antrópicas, através das construções de prédios e de estradas, de estruturas de ferro e de outras obras de infraestruturas nas proximidades dos sítios. Os autores detalham danos causados diretamente por depredação, por crianças com martelos ou por brincadeiras de escorrego nas pedras dos ambientes arqueológicos, bem como por queima de lixo próximo a sítios e pela própria ação de cientistas nos espaços arqueológicos, no passado.

Higgins (1992) mostra que há muitas motivações para danos por vandalismo em arte rupestre. Nos casos que não envolvem interesse financeiro, há o desejo de gravar ou pintar nomes, mensagens ou ambos. Também há o desejo de mostrar que se possui talento equivalente, assim como há o desejo de destruir para mostrar a falta de importância do valor da arte ou motivos religiosos, por exemplo. Nesses casos, os danos podem ser ocasionados de modo direto, como por riscos ou pichações, ou de modo indireto, pela execução de fogos nas proximidades de sítios, de forma que a fuligem da fumaça cubra os grafismos, por exemplo.

Os esforços de lidar com o vandalismo podem decorrer de ações de proteção, de recuperação, prioritariamente: proteção, através da criação de uma barreira física ao sítio, seja de bloqueio, seja de ocultação de sua localização (as barreiras podem ser cercas,

---

8 Não fica claro no texto se são 20 ou 58 sítios pichados, dado que as cores da legenda não correspondem às cores das barras dos gráficos. Caso sejam 58, estes representam 16% do total, número menor do que o da Paraíba.

muros, grades ou, mesmo, contenções de acrílico); as recuperações de sítios rupestres pichados precisam ser feitas dentro de dois anos, segundo Higgins (1992), e devem ser feitas somente por especialistas da área, de forma a não danificar o grafismo original (Oliveira *et al.*, 2016); materiais, métodos e pré-testes das recuperações são essenciais, para que possam ser feitas.

Também é importante considerar que este trabalho não fez levantamentos sobre os estragos naturais do intemperismo físico-químico e das ações de microrganismos e de animais, os quais se mostravam presentes na maioria dos painéis ou suportes rochosos. Aparentemente, os acúmulos de sais e de urina de animais têm trazido impactos severos às pinturas rupestres, logo um levantamento urgente precisa ser feito, englobando avaliações sobre deslocamentos de suportes rochosos, sobre acúmulo de sais, sobre presença de excrementos, de ninhos de insetos e de vegetações grimpantes e sobre proliferação de fungos nos ambientes rupestres, por exemplo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, A. Alice. *Tradição Agreste análise de 20 sítios de arte rupestres em Pernambuco*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História – Área de Concentração em Pré História. Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 1986.

ALMEIDA, Ruth Trindade de. *A arte rupestre nos Cariris Velhos*. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 1979.

NETTO, Carlos. X. de A.; KRAISCH, Adriana. M. P. de O.; ROSA, Conrad. R. Territorialidade e arte rupestre – inferências iniciais acerca da distribuição espacial dos sítios de arte rupestre na região do Cariri paraibano. *Revista de Arqueologia*, v. 20, n. 1, 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/ra/article/view/1680>. Acesso em: 8 jun. 2020. Ver data de acesso.

AVERY, G. The Preservation of Rock-Art with Special Reference to South African Problems and Conditions. *The South African Archaeological Bulletin*, vol. 30, no. 119/120, 1975, pp. 139-142. JSTOR. v. 20, p. 51-65, 2007

BOTICA, Natália.; LEMOS, Francisco. SANTOS, Maribel Y. Desenvolvimento Sustentado – Patrimônio Arqueológico e Tecnologias De Informação. *I Congresso Internacional de Investigação e Desenvolvimento Sócio-cultural*. Cabeceiras de Basto, 23 a 25 de outubro de 2003.

BRITO, Vanderley de; SANTOS, J. S.; OLIVEIRA, T. B. *A Serra de Bodopitá: pesquisas arqueológicas na Paraíba*. 1. ed. João Pessoa: JRC Gráfica e Editora, 2006. v. 01. 110 p.

FERNANDES, A. P. B. Estabelecendo uma escala de prioridade de intervenção conservativa nos painéis de arte rupestre do Vale do Côa (Portugal). *Anais... Congresso Internacional da IFRAO*. Piauí, 2009. p. 949-983.

DEACON, Janete. Rock Art Conservation and Tourism. *Journal of Archaeological Method and Theory*. V. 13, 2006. Disponível em: <<https://link.springer.com/article/10.1007/s10816-006-9024-y>>.

GHETTI, Neuvânia Curty; OLIVEIRA, Cláudia Alves de. PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO: conservação do sítio rupestre Pedra do Navio, Paranatama, PE. *Geonomos*, Minas Gerais, v. 24, n. 2, p. 281-286, 31 dez. 2016. Disponível em: <<https://http://dx.doi.org/10.18285/geonomos.v24i2.897>>.

HIGGINS, Howard. C. Rock Art Vandalism: Causes and Prevention. In: CHRISTENSEN, Harriet H.; JOHNSON, Darryll R.; BROOKES, Martha H (Ed). *Vandalism: research, prevention, and social policy*. Gen. Tech. Rep. PNW-GTR-293. Portland, OR: U.S. Department of Agriculture, Forest Service, Pacific Northwest Research Station. 1992. 277 p.

MAPUNDA, Bertram. GET OFF MY LAND! Towards mutual understanding in archaeological field conflict 013 p. 74-96. *AP: Online Journal in Public Archaeology*, v. 3, p. 74-96, 2013.

MAZEL, Aron D.; GIESEN, Myra J.. Engagement and Management: developing a monitoring system for open-air rock art in the uk and ireland. *Conservation And Management Of Archaeological Sites*, [S.L.], v. 21, n. 3, p. 160-183, 4 maio 2019. Informa UK Limited. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1080/13505033.2019.1662228>>.

MUGUNZVA E. The Influence of Dimensions of Organizational Culture on the Management of Heritage Sites as Tourism Products in Zimbabwe. *Bus Eco J* 7: 215. 2016. <https://pdfs.semanticscholar.org/c260/8f68a65d1c5598ceaa1843dd650bebb69a9e.pdf>

NHAMO, Ancila. Burning Images: a critical review of rock art conservation in zimbabwe. *Conservation And Management Of Archaeological Sites*, [S.L.], v. 20, n. 2, p. 58-75, 4 mar. 2018. Informa UK Limited. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1080/13505033.2018.1453725>>.

NDLOVU, Ndukuyakhe. The presentation of rock art in South Africa: Old problems, new challenges. In: N. SMITH, Benjamim; HELSKOG, Knut; MORRIS, David. (Ed.), *Working with Rock Art: Recording, presenting, and understanding rock art using indigenous knowledge*. Wits University Press, 2012. p. 281-292.

PESSIS, Anne Marie; CISNEIROS, Daniela; MUTZENBERG, Demétrio; MARTIN, Gabriela; LAVALLE, Henry. CARACTERIZAÇÃO DOS SÍTIOS PRÉ-HISTÓRICOS COM GRAFISMOS RUPESTRES NO ESTADO DE PERNAMBUCO, BRASIL. *Clio – Arqueológica*, v. 32, n. 1, p. 165, 1 jul. 2017. Universidade Federal de Pernambuco. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.20891/clio.v32n1p165-188>>.

RUFINO, Elenita Helena. *Danos ao patrimônio arqueológico rupestre pernambucano: perdas locais de bens nacionais*. Dissertação (Mestrado) – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Mestrado Profissional em Preservação do Patrimônio Cultural, Rio de Janeiro, 2014.

SOUZA, Bartolomeu Israel; SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes; LIMA, Eduardo Rodrigues Viana de. DESERTIFICAÇÃO E SEUS EFEITOS NA VEGETAÇÃO E SOLOS DO CARIRI PARAIBANO (desertificação e seus efeitos sobre a vegetação e os solos da região do cariri da Paraíba – Brasil). *Mercator*, Fortaleza, v. 8, n. 16, pág. 217 a 232, out. 2009. ISSN 1984-2201. Disponível em: <<http://www.mercator.ufc.br/mercator/article/view/250>>. Acesso em: 01 mar. 2020.

TARUVINGA, Pascal; NDORO, Webber. The vandalism of the Domboshava rock painting site, Zimbabwe: some reflections on approaches to heritage management. *Conservation And Management Of Archaeological Sites*, [S.L.], v. 6, n. 1, p. 3-10, jan. 2003. Informa UK Limited. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1179/135050303793137983>>.

WAINWRIGHT, Ian N. M; STONE, THOMAS G. Graffiti plagues rock art sites. *CCI Newsletter*, v. 9. 1992, p 4-5.

WALDERHAUG, Olav; WALDERHAUG, Eva M.. Weathering of Norwegian rock art — A critical review. *Norwegian Archaeological Review*, v. 31, n. 2, p. 119-139, jan. 1998. Informa UK Limited. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1080/00293652.1998.9965626>>.

WRIGHT, Aaron M.. Assessing the Stability and Sustainability of Rock Art Sites: insight from southwestern arizona. *Journal Of Archaeological Method And Theory*, v. 25, n. 3, p. 911-952, 30 dez. 2017. Springer Science and Business Media LLC. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1007/s10816-017-9363-x>>.

WURZ, SARAH; MERWE, J.H Van Der. Gauging site sensitivity for sustainable archaeotourism in the Western Cape Province of South Africa. *South African Archaeological Bulletin*. v. 60, n. 181, p. 10-19, 2005.